

MARÉ VIVA

DIRECTOR. VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 17 — PREÇO 3\$50 — 20/OUT/76

ELEIÇÕES: os primeiros nomes

A pouco menos de dois meses da sua realização, o interesse popular pelas eleições para as autarquias locais continua a subir. Isso deve-se sem dúvida ao número imenso de pessoas que a formação das listas movimentou pois, estamos recordados que, duas semanas atrás, através do «Maré-Viva», verificámos o alheamento da maioria das pessoas pelo que se estava a passar.

A luta eleitoral propriamente dita só agora está a começar. Até aqui, as forças envolvidas, partidos, frentes ou grupos de cidadãos, têm estado mergulhados no estudo da lei eleitoral, das táticas e programas, dos indivíduos mais capazes de aliciar o eleitor e, portanto, procuram manter em segredo a sua actuação. Não teve qualquer êxito, a nível regional, a linha que preconizava um largo debate popular para

a formação das listas o que significa que, nesse campo, a nossa região mantém o gosto pelas antigas receitas.

SITUAÇÃO A NÍVEL REGIONAL

A saída da lei eleitoral provocou uma certa desilusão nos «Napoleões de Bairro»

(Conclui na pág. 5)

DE SEMANA A SEMANA

A RESPOSTA MERECE

Rio Maior e S. Bento foram palco de acções de tipo diferente, mas que, muito bem concertadas, apontavam no mesmo sentido: a contestação da Reforma Agrária.

Este «concerto» põe em evidência que a direita não perdeu elasticidade e aposta nas frentes possíveis: na Assembleia da República tenta conservar a imagem de oposição «civilizada» que reivindica e apresenta uma proposta de alteração à lei da Reforma Agrária. Mas, sabendo que a sua luta nesse campo estaria à partida perdida, utiliza a CAP para forçar os acontecimentos. Neste caso, a imagem de civismo desaparece e é um tom «casqueiral» e insultuoso que rodeia o «plenário» de Rio Maior. Aqui, a tentativa de intimidação chega ao cúmulo de se obstruir a Estrada Nacional durante mais de duas horas.

A propósito. É mais preocupante do que esta provocação a naturalidade com que foi encarada, contrariamente ao que sucede em relação a outros plenários e manifestações que são condicionados e sujeitos a legalismos preciosos. Ou não será ilegal a ocupação da Estrada Nacional n.º 1?

Fechado este parêntesis, estas tentativas não parecem poder conseguir os seus intentos. Por um lado, tudo leva a admitir que a Assembleia da República se pronunciará pela rejeição da proposta e dará o seu apoio ao prosseguimento da Reforma Agrária. Por outro lado, o Governo, pela voz do seu ministro da Agricultura e Pescas, já declarou que não cederá a intimidações de qualquer género e que a lei da Reforma Agrária vai mesmo ser cumprida.

A fase de desocupações está a ser conduzida da melhor maneira, pelo diálogo com os trabalhadores e seus representantes, sem ameaças, o que desiludiu as expectativas da direita. Ultrapassada esta fase, a aplicação da lei será levada até às suas últimas consequências: o prosseguimento das expropriações previstas e finalmente a aplicação da lei do arrendamento rural.

A inflexibilidade do Eng.º Lopes Cardoso, o seu manifesto desejo de fazer cumprir o que prometeu, fazem acreditar que a Reforma Agrária poderá tornar-se uma realidade em toda a sua plenitude e que, assim, se estará a dar mais um passo decisivo na arrancada para o Socialismo.

E mais. O País poderá ter uma produção agrícola mais à medida das suas necessidades e a importação de bens alimentares, que pesa tão negativamente na economia nacional, deixará de ser motivo de grande preocupação.

Será a resposta que a direita merece.



“NASCENTE” saiu da cidade

O «Maré Viva» não é um jornal só de Espinho. É muito um jornal que traz consigo e transmite as aspirações, os problemas, o quotidiano das populações das freguesias vizinhas. Na NASCENTE, o jornal não pode ficar sozinho nesta cobertura regional. Também a sua Secção Cultural, no seu campo, tem de intervir em toda essa região, levar-lhe aquilo que falta em muitos lados, mas que ali quase não existe: a Cultura.

E o Cinema é Cultura. Nem sempre, mas algumas vezes. É este o caso do filme «O Garoto de Charlot», onde o génio de Chaplin, já em 1921, aparece em todo o seu fulgor. Onde a brincar se dizem muitas coisas sérias, onde o reverso do «american way of life» é mostrado com a actualidade que os cinquenta e cinco anos de idade do filme quase não admitiam.

O génio de Chaplin está nos «gags», na sua inigualável capacidade de fazer rir (e de fazer chorar), mas também na simplicidade com que nos diz tudo aquilo que ele quer que fiquemos a conhecer.

Pois foi com o Charlot e o seu «Garoto» que a NASCENTE saiu da cidade. Carregou com a máquina, com as bobinas e partiu para Oleiros e Nogueira da Regedoura. Na sexta e no sábado, num lado e noutro, amigos destas freguesias estavam já à espera, com as salas preparadas. Em Oleiros, o salão da Junta, em Nogueira, uma sala da Escola Primária.

O resto foi o que esperávamos. As salas a abarrotar, pessoas sentadas, de pé, até fora da sala, pela janela, acom-

(Conclui na pág. 2)



LEIA

Comissão de Pais - BALANÇO

Na página 5

NO TI CI AS

Notícias da Cerci

1. Espinho foi o local escolhido para a realização do próximo encontro nacional do MOVIMENTO CERCÍ.

Na reunião que terá lugar no Salão dos Bombeiros Voluntários, no próximo sábado, participarão, para além da CERCÍ-ESPINHO, dezanove CERCÍ de todo o país. O ponto mais importante, na ordem de trabalhos prevista, será a discussão de uma proposta da CERCÍ-OLIVEIRAIS no sentido de ser criado um Secretariado Nacional Intercercí's.

O encontro terá início pela manhã e deverá durar até ao fim do dia.

2. A CERCÍ pede-nos para avisar todas as pessoas que receberam bilhetes para os desafios de futebol, a favor da CERCÍ-Espinho de que devem entregar os bilhetes ou enviar as importâncias correspondentes, a fim de se poder realizar a respectiva contabilização.

3. Podemos desde já informar que foi nomeada a Direcção da CERCÍ-ESPINHO.

Maré-rua CORTES DE ENERGIA

«...lá foi a luz abaixo, outra vez! Bolas!».

Pois é! Isto de uma redacção de um jornal ter que trabalhar à luz da vela e por fim à de um salvador «Petrogás» é uma boa gaita. A malta rabuja, resmunga, esfrega os olhos, praqueja... E logo hoje, o «fatídico» dia da revisão do material, ainda por cima negro. Nem se podia confirmar o velho ditado «da discussão nasce a luz», pois discussão não falta nunca no nosso animado reduto; agora disso, de nascer a luz é que não se pode falar: tudo continuou às escuras!

Fomos para a rua saber se as pessoas também tinham tido problemas com a falta de corrente eléctrica.

A primeira pessoa por nós contactada foi Ana Maria Oliveira, empregada de escritório, que nos declarou:

«Foi um dia e meio! Claro, em casa sentiu-se imenso a falta, com os inúmeros prejuízos daí resultantes: electrodomésticos parados, falta de luz, etc.

As razões da falta de energia desconheço-as...»

Depois desta opinião que inaugurou o «Maré-Rua» de hoje, seguiu-se a do sr. Augusto Fernandes, operário, que colaborou com a nossa reportagem:

«Notei muito as faltas durante o trabalho, faltas essas que se prolongaram pela noite. Os prejuízos que terão resultado para a fábrica não os posso calcular; estou lá há pouco tempo.»

A D. Paula Parente, retornada das ex-colónias e ainda sem emprego, também falou para «Maré-Rua»:

«Não notei o corte, sabe porquê? É que estive no Porto a passar o dia. Quando cheguei a minha mãe falou-me realmente

de qualquer coisa, mas não liguei muita importância.»

O prejuízo também não foi de monta para o sr. Álvaro Manuel, ajudante de afinador:

«É que quando faltou a luz, eu já tinha arreado. Não me fez grande desarranjo... enfim, o costume lá em casa nesta situação... Velas acesas... o costume...»

«Olhe eu sou sapateiro e olhe, que remédio, tive que trabalhar à luz da vela...» — foi-nos dizendo o sr. José Maria F. Santos — «Ainda por cima a casa é velha e escura... Em casa o desarranjo não foi grande, felizmente. Lá para os meus lados dizem que ouviram uns estouros numa cabine de electricidade que fica perto... Talvez tenha sido isso...»

Mas será que a falha não foi só local? Ou houve coincidência com outro corte de energia feito na Póvoa de Varzim? Isto é o que se conclui das palavras do sr. Joaquim Gomes Oliveira, seralheiro:

«Eu trabalho na Póvoa de Varzim e lá também se fez sentir a falta de energia eléctrica, com os problemas daí resultantes. Em casa, que eu saiba, não se sentiu nada.»

Para finalizar, ainda escutámos as palavras do sr. Fernando do Carmo:

«Olhe eu sou de Anta e lá não se fez sentir nada. Não houve qualquer problema de falta de energia eléctrica.»

E começámos a ficar em sobrecarga. Antes que os fusíveis vão abaixo, é melhor terminarmos.

Até para a semana e muita luz!

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 21, Quinta-feira — «Nunca ao Domingo» — Maiores de 18 anos.

Ir ao cinema constitui uma aventura, pois tanto nos pode aparecer algo de bom ou de mau. Desta vez vá, a interpretação de Melina Mercouri, talvez justifique.

Dia 22, Sexta-feira — «História de um Pecado» — Maiores de 18 anos.

«Cinema de qualidade!», dizem os folhetos publicitários. E você quer ver com os próprios olhos?

Dia 23, Sábado — «Sexo a Jacto» — Maiores de 18 anos.

A jacto? O que esta sociedade de consumo inventa! Não vá ao cinema, que não perde nada.

Dia 24, Domingo — «Tommy» — Maiores de 18 anos.

A música «rock», as interpretações de alto nível de Oliver Reed e Ann Margaret, a publicidade que se levantou à volta desta película, a exploração comercial. Um filme com aspectos positivos e negativos, que, mesmo assim merece ser visto.

Dia 26, Terça-feira — «Extradição» — Maiores de 13 anos.

Ver ou não ver, eis a questão! Se não lhe apetecer, ou se tiver algo mais importante a fazer não vá.

CASINO

Dia 20, Quarta-feira — «As Aventuras Eróticas dos 3 Mosqueteiros» — Maiores de 18 anos.

Aonde chegou a obra literária de Alexandre Dumas, que apaixonou, e continua a apaixonar, sucessivas gerações de jovens. Espectáculo degradante, que não deve ver, porque ele constitui um insulto à sua inteligência.

Dia 21, Quinta-feira — «Os Padres de Hong Kong» — Maiores de 18 anos.

«Mais tenebrosos que a Mafia, mais sanguinários que os Tongs, mais violentos que...!» Caramba, você já não se convenceu que esta película é um perigo para a sua saúde?

Dia 22, Sexta-feira — «O Homem de Ferro» — Maiores de 18 anos.

Na verdade, esta semana a programação desta sala de espectáculos está muito oriental. Depois dum filme de Ho Ho Chin, outro de Chang Cheh. Pois é, e o espectador é que sofre correndo o perigo de até ficar amarelo.

Dias 23 e 24, Sábado e Domingo — «Spys» — Maiores de 13 anos.

Talvez não seja de desperdiçar! Experimente!

Dia 25, Segunda-feira — «Férias Vias lentas» — Maiores de 18 anos.

Continuamos a repetir o conselho «se quiser arriscar...!»

FARMÁCIAS

QUARTA — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

QUINTA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

SEXTA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

SÁBADO — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Telefone 920352

DOMINGO — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

SEGUNDA — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

TERÇA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251 - 1.º
Telef. 921621

ESPINHO

Director:

Vitor Sousa

Fizeram este número:

Ana Maria; Antero Monteiro; António Capelo; António Letra; Dário Capela; Ema Letra; Fausto Neves; Joaquim Fidalgo; Jorge Catarino; José Vasconcelos; Laura Gaio; MORAIS Gaio; Nuno Barbosa; Vitor Sousa.

Colaboração especial:

Teatro Popular de Espinho.

Composição e Impressão

Oficinas Gráficas

da Casa Nun'Alvares — Porto

"Nascente" saiu da cidade

(Conclusão da 1.ª pág.)

panharam, sem perder pitada, as aventuras do Charlot vagabundo e do miúdo que era o seu «mais-que-tudo». E riram connosco, gostaram como nós dum filme que já tínhamos visto mais do que uma vez, mas que é sempre uma delícia tornar a ver.

As crianças (que em Oleiros tiveram uma sessão especial) eram naturalmente as mais exuberantes. E apareceram em grande número, o que só por si seria garantia de grande animação. Mas nem só as crianças quiseram ver o «seu» Charlot. Também os adultos o sabem apreciar. Estamos-nos a lembrar, em Nogueira, da presença simpática de uma senhora de idade avançada que, mesmo amparada, fez questão de estar presente.

Falando com uma nogueirense no final da sessão de sábado, perguntámos se costumava ir ao cinema: «Vou às vezes a Espinho, mas é só guerra, pancadaria. Este sim, este foi bonito».

Umás poucas palavras que dizem bem da necessidade que as pessoas sentem de fugir ao mau cinema. O que

prova que o cineclubismo tem um papel relevante a desempenhar, até em Espinho. O que se dirá das freguesias. Aliás, os constantes apelos que ouvimos para voltarmos convenceram-nos ainda mais da importância destas «saídas» do Cineclube da NASCENTE.

Pois bem. As «saídas» valem a pena? Então vão continuar.

ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

Avisam-se todos os alunos que continuam abertas as inscrições até ao dia 25 do mês corrente das seguintes disciplinas:

Institutos ALEMÃO, BRITÂNICO e FRANCÊS. Iniciação ao Francês e Inglês, 1.º e 2.º ano de PORTUGUÊS e todas as disciplinas referentes ao ENSINO ARTÍSTICO. Os diplomas e certificados dos exames dos Institutos referentes ao último ano lectivo serão entregues em data a designar.

ANTA

Melhoramentos
na freguesia

Para sabermos notícias sobre esta freguesia entrámos em contacto com o sr. Fernando do Carmo, presidente da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Anta.

Sobre melhoramentos disse-nos o sr. Fernando que dentro de quinze dias, aproximadamente, se vai dar início à restauração e melhoramentos da estrada que irá dar acesso ao Campo de futebol do Grupo Desportivo da Idanha, problema ainda há pouco tempo focado nestas colunas. Igualmente na Idanha, numa acção conjunta da Junta de Freguesia e uma Comissão de Moradores local, está-se a proceder a melhoramentos do lavadouro e à captação de águas para o mesmo.

Também para a construção de um lavadouro, deslocou-se a Anta o engenheiro dos Serviços Municipalizados a fim de estudar o local. Dada a imensa necessidade que os moradores dos lugares da Quinta, Souto e Congosta têm da construção do mesmo, espera-se ansiosamente que o assunto não caia no esquecimento e o plano vá avante.

Uma carência se está a fazer sentir com estes dias chuvosos na estrada Anta-Idanha, junto às escolas desta última: trata-se de uma valeta que não dá qualquer vasão à água, encontrando-se esta empoçada e estagnada. Dada a insalubridade da pequena «piscina» com a consequente criação de mosquitos e a proximidade das escolas primárias, faz-se um alerta à Câmara de Espinho — pois a estrada é camarária — para que desobstrua a valeta e permita assim um correcto escoamento das águas.

Apela-se ainda para a população da freguesia a fim de evitar o lançamento de lixo para a via pública, pois são óbvios os inconvenientes que daí resultam. Dada a inexistência de recolha de lixo, sugere-se a sua eliminação por meio de fogueiras (que aqui são perfeitamente toleráveis, ao contrário de Espinho) ou através da deposição do lixo nos campos.

Ainda nos falou o sr. Fernando do Carmo do bom acolhimento que teve em Anta a criação da CERCI em Espinho, dados alguns casos de crianças inadaptadas existentes na freguesia. Levanta-se no entanto o problema do seu transporte o que se espera venha a ser resolvido dentro em breve.

E para terminar este pequeno feixe de notícias, elucidou-nos o presidente da Junta acerca da actividade local, tendo em vista as próximas eleições. Assim já várias reuniões se têm feito com o fim de se formar uma lista unitária que actualmente sofre os últimos preparativos, já se encontrando praticamente estruturada.

Transportes de Estudantes
Cinema e Teatro

Aí está um novo ano lectivo. Centenas de estudantes convergirão diariamente para os estabelecimentos de ensino da cidade de Espinho. Comboios, autocarros, viaturas particulares resolverão a seu modo as deslocações dos alunos. Bem? Mal? Será possível melhorar a eficácia desses transportes? Os seus horários adaptar-se-ão aos horários escolares? A quem compete subordinar-se: as empresas de transportes às necessidades dos utentes ou estes aos horários estabelecidos por essas empresas?

A isto se tentou dar resposta numa reunião efectuada na Junta de Freguesia de Oleiros, no passado dia 7, por iniciativa da respectiva Comissão Administrativa e na qual estiveram presentes individualidades representativas da Câmara Municipal da Feira, da C. P., da Comissão de Gestão da Escola Comercial e Industrial de Espinho, da Associação de Pais e Encarregados de Educação do Liceu (APEL) e da C. A. de Paços de Brandão, muito embora tivessem sido convidadas outras também ligadas ao sector dos transportes e aos demais estabelecimentos de ensino da zona.

A Comissão Administrativa da

freguesia de Oleiros, manifestando assim vivo interesse pela resolução de problemas que, numa análise superficial, não seria da sua competência, fez aflorar de um modo claro os pontos fulcrais das relações entre a Escola e os Transportes: a C. P. elabora os seus horários sem consultar as Escolas; estas, por sua vez, não lhe dão conhecimento dos seus; há autocarros que a C. P. destinou quase exclusivamente aos estudantes, mas totalmente desfasados da hora de saída das aulas, sendo, por isso, antieconómicos (é o caso do que sai de Espinho às 12.10 horas); há comboios que parecem ter sido criados para causar descontentamento, pretendendo-se talvez por isso justificar o encerramento do Vale do Vouga; as paragens dos autocarros, distantes dos estabelecimentos, não servem convenientemente os interesses de quem os utiliza; a inadequação de horários origina a longa espera dos alunos nos cafés e nas casas de jogos e uma preocupação constante dos pais; etc., etc.

Abordou-se ainda a possibilidade de criação do autocarro urbano que possibilitasse o transporte à porta das Escolas, bastante espalhadas e já na periferia da cidade, alvitrandose o alargamento do seu âmbito para

S. Paio de Oleiros

as zonas limítrofes, de modo a tornar Espinho maior e a contrabalançar a pouca rentabilidade dos pequenos percursos.

A Associação de Pais e Encarregados de Educação do Liceu deu, a seguir, uma útil contribuição à solução do problema em apreço, explicando o trabalho que, entretanto, já desenvolveu nesse sector. Apesar do inexplicável desinteresse da maioria dos pais, irá contactar este ano, para a corda Esmoriz-Espinho, uma carreira-piloto para estudantes, que fará serviço até e desde a porta do Liceu. Propôs ainda uma colaboração estreita entre as diversas escolas que torne viável uma orientação mais geral neste sentido.

Embora não competisse aos presentes tirar conclusões decisórias nesta reunião, cuja repetição e alargamento será de desejar, ficaram pelo menos algumas ideias que se colocam à atenção de quem pode decidir: a C. P. deveria ser o transporte de maior utilização, por se tratar de um serviço estatizado, que todos pagam, quer o utilizem quer não, além de o seu custo, dada a possibilidade de aquisição de um livre trânsito ou passe, ser o mais

(Continua na página 7)

Grijó

Salão paroquial ao serviço
das colectividades e do povo

Há muito que o problema do Salão Paroquial nos foi posto. Diversos grijoenses nos pediram para o abordar, tratar e dar uma achega à sala de espectáculos que não parece estar a ser gerida democraticamente, nem ao serviço do povo. Por diversas razões só agora nos é possível abordar o problema e não num só número do jornal. Assim, hoje trataremos um pouco historicamente o aparecimento da ideia que levou à edificação do salão e como se concretizou. Em números seguintes publicaremos as opiniões das várias colectividades grijoenses, da Comissão que se encontra a gerir o Salão, da Comissão Administrativa da Junta e das Comissões de Moradores.

Há muito que entre os grijoenses se fazia sentir a necessidade de uma sala de espectáculos onde o povo pudesse ver cinema, teatro, música, etc.

Havia um velho edifício em Santo António, pertencente à paróquia, onde funcionava uma droguaria. A Comissão de Culto conseguiu que o comerciante deixasse o edifício e arrancaram para a construção do Salão Paroquial. A ideia foi bem aceite. Foram então criados em toda a freguesia, grupos que iam levando essa ideia, e recolhendo fundos. Pode afirmar-se que a participação financeira foi total, já que o Salão seria para a freguesia (para todos os cidadãos grijoenses), ideia que foi o principal factor da total adesão financeira dos grijoenses.

O Salão foi construído. Em 1974 encontrava-se acabado.

Depois de acabado surgia a pergunta: como iria ser gerido? Por quem?

O problema foi abordado, segundo nos disseram, mas oficialmente era a Comissão de Culto que geria o Salão.

Disse-nos um elemento duma Comissão de Moradores, que em 1975 numa reunião de delegados das Comissões de Moradores, com a Comissão Administrativa da Junta o problema foi aflorado e embora sem carácter deliberativo a opinião unânime apontava para a formação de uma comissão que seria composta por um elemento de cada colectividade e da Comissão de Moradores e um representante da Comissão de Culto. Facto estranho porém se passou na semana seguinte, e o Salão que até aí era gerido pela Comissão de Culto, apareceu a ser gerido por uma comissão que ninguém soube como foi eleita e com a coincidência de um dos seus elementos ter estado na reunião de delegados das Comissões de Moradores.

Esta comissão veio a ser remodelada em 1976 mas tal como na eleição da primeira o povo não foi chamado nem a pronunciar-se como deveriam ser eleitos, nem a eleger; facto bastante estranho dado que foi o seu dinheiro que construiu o Salão, o que lhe deveria dar direito a eleger os seus representantes.

Por outro lado, e este ponto é fundamental, assiste-se ao facto de que a antiga comissão, quer a presente, porem dificuldades às colectividades da freguesia na utilização do Salão para dar espectáculos, segundo a opinião de um grijoense que depois de ter sido contactado a entrar para essa comissão se ter recusado, já que ele a considera como: «OS DONOS DO SALÃO».

Riomeão

Em vésperas
de eleições

Riomeão, freguesia situada no limite da região abrangida pelo nosso jornal, é uma terra de população essencialmente trabalhadora. Vê-se, neste momento, a braços com inúmeros problemas, deficiências na rede eléctrica, no arranjo de caminhos, no campo da habitação, no equipamento social, etc. De alguns desses problemas, falaram-nos amigos do «Maré Viva», ali moradores. Em vésperas da grande corrida eleitoral para as autarquias, os problemas a elas ligados adiantaram-se dos demais.

Riomeão tem angariado fama de bastião reaccionário a nível regional. Essa fama não agrada nada aos seus habitantes, tanto menos que não corresponde à realidade. Ela tem, sim, raiz no activismo reaccionário de certos senhores de dinheiro que ali recrutam os seus «soldados», por razões que seria ocioso explicar pois são do domínio de quem conhece bem a nossa região e suas gentes. Fazem-se ali sentir intensamente os efeitos do caciquismo. A sua figura saliente tem sido o padre da freguesia que, em vésperas de eleições, aconselha os fiéis a não votarem em partidos «marxistas», os quais, resumindo as suas palavras, roubam a religião.

Ainda durante a campanha para a Assembleia da República, o senhor abade fez distribuir gratuitamente pelos seus paroquianos, exemplares de um semanário portuense que, sob a capa de jornal religioso, difunde a ideologia «nazi-fascista». A propósito dessa atitude, a esquerda local distribuiu, na altura, comunicados em que era

(Continua na página 7)

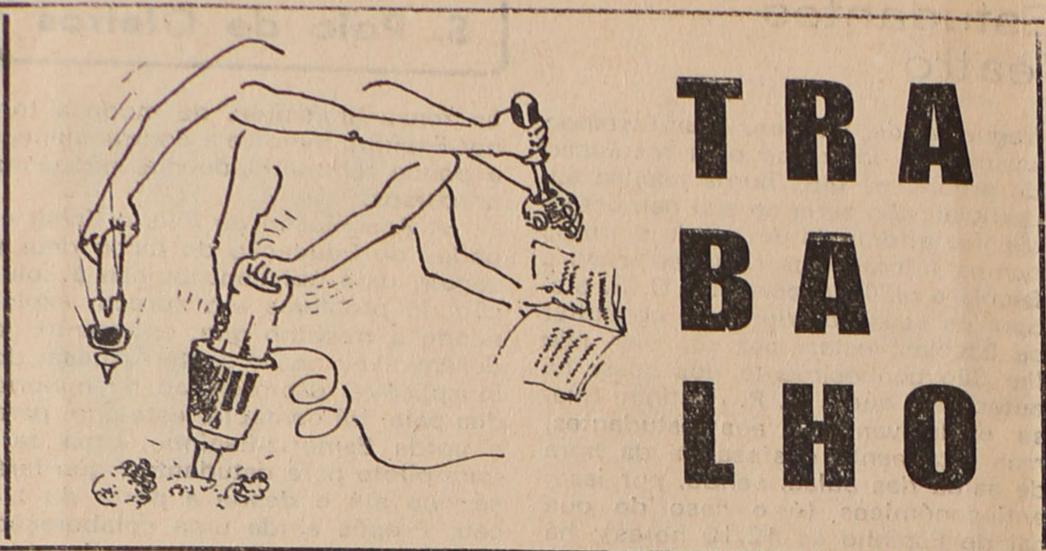
Pintura de Automóveis

com RAPIDEZ e PERFEIÇÃO

Alzira Pereira de Azevedo

GARAGENS: ABEL — SOUSA

— S. PEDRO



POR FALTA DE ESPAÇO NÃO PUBLICAMOS NA PASSADA SEMANA A CONCLUSÃO DESTA ARTIGO, INICIADO NO N.º 15, O QUE FAZEMOS AGORA.

HISTÓRIA DE UM DESPEDIMENTO (II)

Continuamos hoje a dar conhecimento aos nossos leitores de factos ligados à tentativa de despedimento de Joaquim Martins, contados pelo próprio.

No último número, Joaquim Martins contou-nos como chegou a dirigente sindical e as perseguições em que se viu, quando o patrão — sr. Orlando Santos — compreendeu que o seu empregado, bom durante 18 anos, não se prestava ao jogo que ele idealizara de não cumprir as leis do trabalho e despedir operários sem justa causa.

Estava a contar-nos como a engendradora história da sua má conduta moral na empresa caiu pela base com o inquérito organizado pela Delegação da Secretaria de Estado do Trabalho de Aveiro.

«Como dizia, nesse inquérito depuse-ram 27 pessoas. Umam iam referindo outras. Duas delas, industriais, testemunharam um assunto que já era sinal do que o patrão queria. Foi que eles me contactaram, a pedido do Orlando, perguntando-me o que é que eu queria. Se queria a minha indemnização, que dissesse — disseram — e acrescentaram: — Se tens sido feliz, serás mais feliz ainda! Compras uma furgoneta e até a vender calhou levar a vida —, mas que eu tinha que dar resposta naquela hora.

Eu disse que não podia, que tinha que pensar. Fiquei de dar uma resposta no dia seguinte. Felizmente, elucidai-me a tempo e, não só por isso, nunca mais dei resposta. Bom, para além de me mandar vender calhaus, eles punham-me a hipótese de eu ficar a trabalhar na fábrica, se fosse «como era dantes».

SE PRECISARES DE ALGUM DINHEIRO...

Há outro episódio que também veio a figurar nesse inquérito e tem importância. Ao ver que o processo disciplinar estava nulo, e mesmo antes do inquérito do Dr. Delegado, o sr. Orlando começou logo a pensar em arranjar coisas contra mim. Como o caso de uma mulher não lhe chegava, pensou em meter outra mulher, trabalhadora na fábrica, ao barulho. Incumbiu um encarregado de a contactar para ver se ela estava disposta a assinar em como eu, aí uns quatro anos atrás, lhe tinha feito um convite, na fábrica. Ela negou-se e então, o sr. Orlando, pediu a um empregado de escritório de uma firma ao lado da nossa para dizer ao marido dessa mulher, de quem era vizinho, para ir a casa dele, um domingo à tarde, para conversarem, mas que não dissesse nada à mulher. Ele foi e, depois, apresentou-se voluntariamente em Aveiro para depor no inquérito, contando o que tinha sido essa conversa.

O sr. Orlando mandou-o entrar para o escritório, estavam lá os dois filhos, ofereceu-lhe um brandy e começou:

— Sabes, as nossas famílias eram muito amigas, sempre se deram muito bem, eu até, em tempos, emprestei uns dinheiros aos teus pais para eles poderem satisfazer umas tornas numas partilhas; soube que tu andas interessado em comprar uma casa que era da tua sogra, pois se precisares de algum dinheiro, conta comigo que eu faço muito gosto em emprestar-te.

Ele informou-o de que não precisava pois o patrão também já se tinha oferecido para a mesma coisa, mas o sr. Orlando insistiu em ser ele a emprestar que não queria que o homem se

dirigisse a outras pessoas, etc. Depois, mudou a conversa:

— Eu sei que tu não gostas que a tua mulher ande a assinar esses papéis com coisas para os Sindicatos. Mas olha que ela continua a assiná-los.

E, continuando, foi-lhe dizendo: que trazia um processo contra mim, por facto passado lá na fábrica com fulana, que esse processo era nulo, mas que, se ele convencesse a mulher a assinar um papel a dizer que eu lhe tinha feito um convite assim assim, há quatro anos, tudo se arranjaría pois já tinha três testemunhas, organizava novo processo e punham-me na rua. O homem, claro, disse-lhe logo: — Oh senhor Orlando, olhe que você não é meu amigo. Então isso foi há quatro anos e só agora é que mo dizem? — e saiu pela porta fora, dizendo que ia pensar na proposta.

Chegou a casa e deu uma coça na mulher que a deixou desfeita. Depois, saiu, à minha procura, com uma faca para me matar. E eu que nesse domingo tinha vindo cá abaixo! Foi uma sorte não me ter apanhado.

No dia seguinte, a mulher chegou à fábrica e o pessoal que já andava alertado, ao vê-la assim toda marcada quis saber o que acontecera. Como ela não sabia explicar porque é que o marido a tinha espancado daquela maneira, o pessoal decidiu que ninguém pegava a trabalhar sem aquilo estar esclarecido. Foram chamar o homem dela que trabalha na fábrica ao lado e ele disse que se eles quisessem saber porque é que ele tinha batido na mulher, mandassem chamar o patrão e, na presença de todos, ele contaria o que o sr. Orlando lhe tinha dito. O patrão chegou, ele contou e, depois do patrão confirmar que era verdade, ele responsabilizou-o pela tarefa e pelo que me poderia ter feito a mim, se me tivesse encontrado.

No dia seguinte, o Orlando tentou convencer o pessoal que aquela história da conversa não era verdade. Mas o homem ao saber daquilo voltou lá e voltaram ao assunto, à frente de todo o pessoal e até lá esteve o tal empregado que tinha sido portador do recado.

O ACORDO É QUASE IMPOSSÍVEL...

Estas coisas passaram-se todas, no ano passado, no final do ano. A disposição do patrão em me despedir foi variando. Um dia, por alturas de Fevereiro, chamou-me ao gabinete, para ver se eu ia pôr uma outra fábrica, em que ele é sócio, a trabalhar. Era um trabalho que já era costume eu fazer. Nessa altura tivemos uma conversa e eu lembro-me de ter dito, a propósito de um processo civil

(Continua na pág. 7)

Central Produtora Corticeira

REGRESSO AO TRABALHO

Conforme notícia dada no último número, encontrava-se paralisada desde o princípio do mês, a Central Produtora Corticeira, em Lourosa. O conflito tivera origem na atitude pouco correcta do patrão ao, por birra, não ter dado indicações aos trabalhadores sobre a data em que efectuaría os devidos pagamentos. Na passada quarta-feira, deslocou-se para ali uma força da G.N.R. que se manteve em atitude de intimidação. A presença desta força terá levado os trabalhadores a aceitarem recomeçar o trabalho apesar de estar acordada apenas uma parte das reivindicações que faziam.

Os prejuízos que os trabalhadores terão de suportar com esta greve, embora reduzidos, apontam a verdade que muitos têm aprendido pela prática, de que devem ponderar calmamente a situação antes de reagirem às provocações que lhes são dirigidas. Se assim não for continuarão a ter de pagar o preço da irresponsabilidades de certos patrões.

ASSEMBLEIA GERAL DE PAPELEIROS

Teve uma larga participação, centenas de trabalhadores, a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores ligados à indústria do papel, realizada no passado domingo, dia 10, na sede daquele Sindicato em Paços de Brandão.

A abrir a ordem dos trabalhos, foram dados esclarecimentos, aos trabalhadores, sobre o novo Acordo Colectivo de Trabalho em vigor. Durante o segundo ponto, seguiram-se intervenções de trabalhadores e dirigentes sindicais, versando o actual momento sindical e da oportunidade da participação ou não daquele Sindicato no próximo Congresso Nacional dos Sindicatos.

Ficou agora para ser ratificada numa reunião de Delegados Sindicais, a realizar no fim da próxima semana, a participação da Direcção daquele Sindicato nos trabalhos do Congresso, que está assente. A Assembleia viria a terminar à uma e meia da tarde depois de três horas e meia em que tudo correu na melhor ordem, apesar do vivo de algumas intervenções e da atitude derrotista de alguns trabalhadores.

PADREIROS EM GREVE!

No fim da passada semana, os trabalhadores da indústria da panificação não vendo as suas reivindicações satisfeitas por parte do patronato decidiram encetar o caminho da greve como última tentativa perante a permanente recusa da entidade patronal de iniciar negociações das quais sairia o novo contrato colectivo de trabalho. E, ao contrário do que se tem dito, as reivindicações salariais não se baseiam em ordenados que rondariam os 15 ou 20 contos, mas em quantias cujo máximo estaria próximo dos 9 contos mensais, salário esse destinado aos encarregados.

Portanto, temos uma greve desencadeada em todo o país, privando as pessoas do pão, alimento de primeiríssima necessidade. Daí que se tenha levantado uma grande campanha contra os trabalhadores, acusando-os de exigirem o que não lhes é devido, de não quererem trabalhar, etc. Mas será que os trabalhadores das indústrias de primeira necessidade (casos do pão, transportes, etc.) não podem utilizar uma forma de luta permitida pela lei?

«Não queremos prejudicar o público,

«Pereira Alves» S. C. R. L.

SOLUÇÃO QUE O DIÁLOGO ENCONTROU

Desta vez, parece que é para ficar. Depois de gorada a hipótese de solução que esteve quase certa, o diálogo entre os patrões e os trabalhadores da «Pereira Alves», fábrica cuja paralisação se arrasta há quatro meses, continuou.

Nas conversações havida na delegação do M.T. em Aveiro foi sugerida e bem recebida por ambas as partes, a hipótese de formação de uma cooperativa de produção, associando os ex-gerentes e os oito trabalhadores. Com a concretização deste projecto está dado um grande passo em frente na resolução dos problemas que se vem ponduo aquela empresa. Como prevíamos, o diálogo foi solução.

Na «Vigorosa»

UM PASSO EM FRENTE

O trabalho na metalúrgica «A Vigorosa» prossegue em bom ritmo, sob a direcção da Comissão de Trabalhadores. Foram admitidos mais operários. Os salários são cumpridos a horas. As encomendas sobejam. A recente decisão tomada em Conselho de Ministros, de pôr de parte, definitivamente, a hipótese de os ex-patrões reaverem as empresas em autogestão, souu como justiça. Agora, quem, meio ano atrás, abandonou os trabalhadores, ao espectro do desemprego ou da fome, escusa de continuar a perturbar o seu trabalho, dizer que andam a vender coisas pela feira, ou a ir desinquietar trabalhadores a casa para eles assinarem os estafados papéis que pedem o regresso de quem já foi senhor, mas agora não manda.

Da «Vigorosa» teremos, proxima mente, notícias a dar, boas. Para já assinalamos um facto que diz bem do que é a unidade e solidariedade dos trabalhadores: meses atrás os trabalhadores da zona angariaram fundos para acudir aos mais necessitados que na «Vigorosa» suportaram três meses de greve. Hoje, e passou tão pouco tempo, os trabalhadores da «Vigorosa» já podem contribuir, têm sido os primeiros a fazê-lo, para os seus colegas com dificuldades noutras fábricas.

nem a empresa em que trabalhamos, mas o facto é que não vimos outra saída. O que achamos é que o Governo terá que intervir pois existem empresas que precisam de ajuda.»

Esta uma opinião generalizada entre os trabalhadores de Espinho, preocupados com o silêncio do Governo, e com o oportunismo de certas empresas dos arredores, casos de Guetim, Vila da Feira e Ovar, que furando a greve, têm vindo até cá na tentativa de roubar fregueses à empresa local, boicotando a luta que a nível nacional os padeiros estão a travar.

«O que mais me custa, no meio disto tudo, é essas empresas virem por aí abaixo, roubando fregueses à firma que normalmente abastece Espinho. Eu sou trabalhador, mas a situação financeira da empresa também nos diz respeito.»

Por outro lado, além do oportunismo e da especulação, na madrugada do pas-

(Continua na pág. 7)

Comissão de Pais: O BALANÇO

Lembram-se das Comissões de Pais? Houve uma altura em que se falava muito delas, assim como das Comissões de Moradores, de Trabalhadores, etc. Era um tempo em que as pessoas se sentiam directamente solicitadas a fazer qualquer coisa, ajudando a este esforço colectivo de transformação e de progresso que o 25 de Abril nos trouxe. Muita gente sentiu então que tinha alguma coisa a fazer. E muita gente fez qualquer coisa, tentou resolver alguns dos problemas mais próximos ou cuja solução não estaria ainda para breve.

Foi neste contexto que surgiram nas escolas Comissões de Pais. Eram grupos dinamizadores (pois pretendiam fazer chegar a todos os pais este desejo de fazer algo mais pela educação dos filhos) e eram grupos de trabalho (já que lançaram mãos à obra para resolver determinadas carências nas escolas). No fundamental, havia a necessidade de pôr em diálogo a ESCOLA com a FAMÍLIA, de pôr a puxar para o mesmo lado as duas instituições mais ligadas à educação das crianças.

Desde então muita água correu sob as pontes. Muita coisa mudou neste país. Muita coisa se perdeu: por exemplo, esse desejo que as pessoas sentiram, no início, de colaborar activamente com as próprias mãos na construção de um país novo. Esse entusiasmo desapareceu em grande parte. Porquê? As razões são muitas, talvez nem todas válidas. Que cada um procure encontrá-las.

Neste «arrefecimento» generalizado, é natural que também as Comissões de Pais se tenham ressentido. Se já no princípio as dificuldades de mobilização dos pais eram grandes, muito maiores se foram tornando ao longo deste tempo. Apesar de tudo, alguma coisa se foi fazendo. Alguma coisa que interessa mostrar e que interessa recordar como sinal de um tempo em que as pessoas tentaram resolver por si os seus problemas mais próximos.

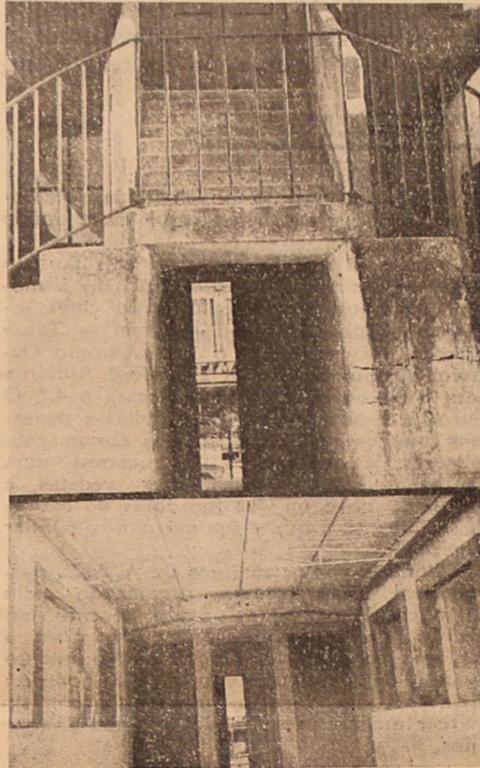
Fomos falar com a Comissão de Pais da Escola Primária da Rua 23. Fazer o balanço de tudo quanto está para trás, saber de como vai ser agora para o futuro.

FAZER OBRAS PORQUÊ?

— Quando para aqui viemos e começámos a trabalhar tínhamos uma preocupação fundamental: tentar uma abertura dos pais em relação aos problemas do ensino, pôr a família e a escola em contacto e colaboração no trabalho de educação dos nossos filhos. Ainda iniciámos qualquer coisa, por exemplo no campo da educação sexual, mesmo no apoio médico aos nossos filhos, etc. Simplesmente, por razões

várias, tais iniciativas não foram para diante e o trabalho da Comissão de Pais desenvolveu-se muito mais noutra sentida: obras de melhoramento das instalações e distribuição de material escolar.

Porquê isto? É simples: esta escola tinha determinadas carências importantes, sobretudo no aspecto sanitário (onde não havia condições decentes de higiene) e no recreio (apenas um recinto descoberto, que as crianças tinham de atravessar a seguir a um túnel medonho, mesmo para ir ao quarto de banho). Havia que resolver esses problemas, e nós lançámo-nos a isso.



A escada e o túnel sombrios deram lugar a um recinto coberto e airoso

— Os resultados foram bons?

— Podemos realmente considerá-los bastante satisfeitos. Completámos apenas a 1.ª fase de um plano de três fases. Fizemos umas boas instalações sanitárias para ambos os sexos, arranjámos um recinto coberto para recreio, construímos uma escada interior, fizemos mais uma sala de aulas no 1.º andar. A brincar, a brincar, estas pequenas obras estavam orçadas pelos técnicos em cerca de 200 contos. Nós, com a ajuda de algumas ofertas particulares, com a colaboração preciosa da Comissão Administrativa da Câmara Municipal e com muito trabalho dos nossos braços, conseguimos realizar o projecto gastando cerca de 60 contos.

— De onde veio esse dinheiro?

— Veio, antes de mais, das contribuições voluntárias e regulares dos pais, que no total renderam uns 45 contos. Além disso organizámos dois bailes (e daqui agradecemos à Solverde a cedência do Salão Nobre do Casino), que nos deram o dinheiro suficiente para pagar não só as obras como também cerca de 20 contos de material escolar.

AS CRIANÇAS AQUI SÃO IGUAIS

— Porque se dedicaram também a esse campo?

— Uma das nossas maiores preocupações desde o início foi que as crianças aqui fossem tratadas por igual e que ninguém se sentisse superior ou inferior, conforme o estrato social de que provinha. Ora as desigualdades são notórias logo no material escolar, pois o rico traz uns marcadores muito bonitos e o pobre só traz um lápis. Para acabar com isso, resolvemos passar a fornecer o material (com a ajuda dos pais), dando igualmente a todos os miúdos. Claro que isso nos trouxe despesas enormes e deu muito trabalho. Por essas coisas e por outras é que não conseguimos fazer mais nada, e mesmo o que fizemos foi com muitíssimo custo. Tivemos auxílios preciosos, muito particularmente o da Câmara (que tem auxiliado todas as escolas), tivemos a compreensão de muita gente, mas... poucos apareceram para trabalhar. Uns

por não quererem, outros por não poderem, outros por nos julgarem lorpas!

— E para o futuro, como vai ser?

— Está mau! Tem que vir mais gente trabalhar, caso contrário não será possível prosseguir. Acharmos fundamental continuar a distribuição do material didáctico, talvez continuar as obras, apoiar a distribuição do suplemento alimentar (que está em perigo), sobretudo alicerçar as Comissões de Pais como elemento de ligação entre a escola e a família, quer para melhorar a educação dos filhos, quer para ajudar a formar os próprios pais. Mas nós não podemos dar mais do que demos. Estamos dispostos a trabalhar, mas somos poucos. Tem que vir mais gente. Todos juntos faremos muito mais.

NOTA: É curioso notar que a CERCÍ, cooperativa que se dedica às crianças deficientes, pode ser considerada de certa maneira um «filho» das Comissões de Pais de Espinho. Foi através destas Comissões que os pais se sensibilizaram para o problema e se acharam com suficiente capacidade para lançarem essa obra importante. E foi das Comissões de Pais que saíram os dinamizadores e corpos gerentes da CERCÍ. O facto, sem dúvida importante, aqui fica registado. Com a esperança de que essas Comissões continuem a «dar à luz». Ainda são precisos muitos outros «filhos».

Eleições

(Conclusão da pág. 1)

da zona. De facto a estreita ligação entre aquele texto legal e o previsto na Constituição, deixa poucas hipóteses a quem estava a pensar em instalar à frente do poder local as painelhas onde seriam cozinhados à vontade os pratos do seu interesse pessoal ou de grupo.

De sua parte, o «Maré Viva» prepara-se para assumir as suas responsabilidades informativas em tão importante processo. Temos indicações seguras que, em toda a região, vai ser grande o número de listas para cada órgão. Podemos mesmo dizer que o cidadão terá sempre, em média, umas quatro hipóteses de escolha. A grande tendência é para a formação de listas de partidos o que é índice da grande divisão que estes presumem ter conseguido ao nível da região. Procuraremos dar, em próximos números, freguesia a freguesia, uma imagem mais precisa do que se irá passando.

OS NOMES

Para já, porque de todo o segredo, sempre a expectativa tira alguma coisa, podemos fornecer, em primeira mão, aos nossos leitores, o que corre como quase certo sobre os nomes que encabeçarão as quatro listas concorrentes à Câmara Municipal do Concelho em que temos sede — Espinho. São eles Veiga Ribeiro, Amadeu Morais, António Gaio e Artur Bártolo. A presença destes dois últimos à frente das listas de esquerda, tornando quase certa a sua eleição, vem de encontro à

esperança de muitos espinhenses em ver continuada a acção dinâmica que têm vindo a exercer à frente de uma Comissão Administrativa que, apesar de esfrangalhada por um período de tempo muito superior ao previsto quando da sua nomeação, tem tido um papel positivo na condução dos interesses locais. É também garantia de um certo peso de independência nessa mesma condução, em desfavor de uma instrumentalização partidária do poder local.

Quanto aos primeiros nomes, dispensamo-nos, para já, de comentários. Parece no entanto certo que o versátil advogado se prepara para entregar a pasta, no semanário que dirige, a pessoa da sua confiança, a fim de poder melhor dedicar-se à campanha.

Em resumo, a população interroga-se, os cidadãos movimentam-se, comenta-se a lei, especula-se com nomes: o folclore e a dignidade misturam-se e confundem-se para forçar uma escolha. Assim vão ser as eleições.

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras
— em todos os estilos —
Candeeiros — Louças — Cristais
— Alcatifas — Electrodomésticos, etc. —

Pinturarte

Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística

Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Vende-se

TERRENO PARA CONSTRUÇÃO
Área 1.500

Falar na

Rua 24 n.º 781 — ESPINHO

Salsicharia do Mercado

Especializada em carnes fumadas
das melhores regiões

JÚLIA GOMES SOARES (Cadete)

Rua 18 Mercado Municipal (Praça)
ESPINHO

ALFAIATARIA MANO

DE

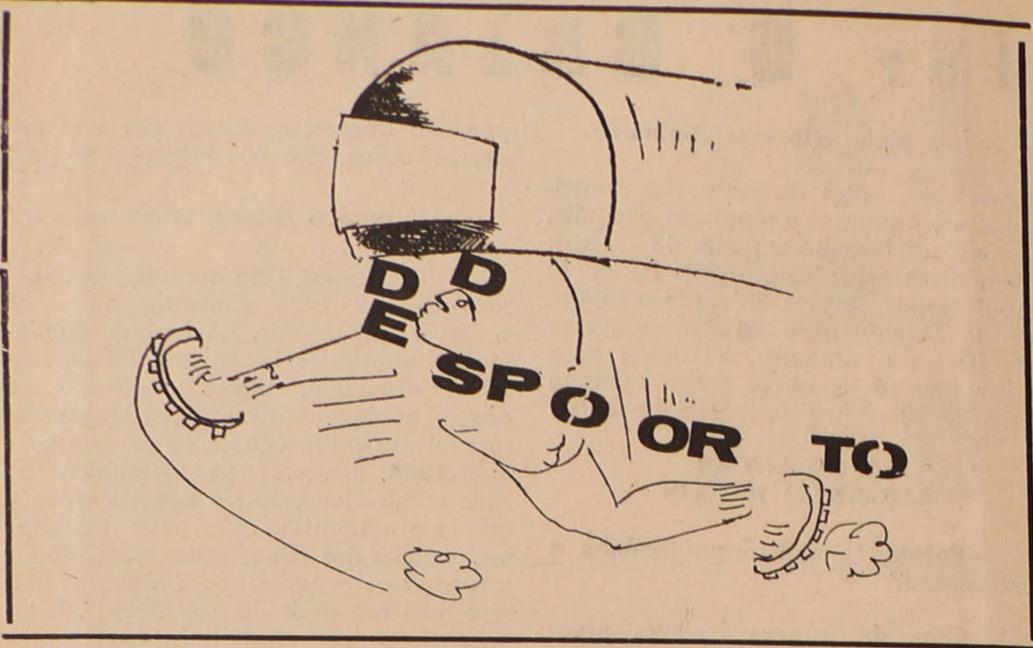
José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731

Telefone, 921823

ESPINHO



FUTEBOL

Taça de Portugal

S. C. Espinho, 4 — Limianos, 0

Quem quis passar a tarde agradável de quarta-feira, no Campo da Avenida, deve tê-lo feito com a esperança de ver finalmente os «tigres» fazerem um jogo tranquilo, com golos para todos os gostos.

Porém, os 4-0 conseguidos não aquecem nem arrefecem. Nem foi a goleada apetecida para quem anda (e com razão) com saudades de ver o Espinho marcar golos, nem foi o resultado magro que pudesse desiludir.

Ajustou-se, no fim de contas, ao desenrolar do jogo. Talvez mesmo a equipa de Ponte de Lima merecesse o ponto de honra. Mostrou-se arrumadinha, intencional, impecável em correcção, mas o seu amadorismo tinha que sair derrotado frente a profissionais. A erosão do tempo foi determinante, o

que poderá explicar que só nos últimos quinze minutos de cada parte os golos tenham aparecido.

E o Espinho? Começou muito mal, ouviu algumas assobiadelas, mas recuperou e chegou a ter momentos de bom futebol. Mas não nos iludamos. O Limianos, como se compreende, não é uma equipa do mesmo futebol.

Individualmente, seria injusto esquecer Meireles, que se fartou de jogar e Reis que teve oportunidade de mostrar como deve jogar na área um avançado-centro digno desse nome.

O S. C. de Espinho alinhou e marcou:

Serrão I (Quim); Gomes, Gonçalves, Pereira e Castanheira; Meireles, Alcão e João Carlos; Serrão II (1), Reis (3) e Canelas (Malagueta).

Campeonato Nacional da II Divisão

Penafiel, 0 — Espinho, 0

Jogo realizado no Campo 25 de Abril, arbitrado por Santos Carvalho, de Viseu, alinhando a equipa do S. C. E. do modo seguinte:

Quim; Gomes, Pereirinha, Gonçalves e Castanheira; Meireles (Simplicio), João Carlos e Vaqueiro (Raúl); Serrão, Reis e Canelas.

O Sporting de Espinho que, depois do grande número de jogadores adquiridos no início da época e da boa carreira que prometia, não tem vindo a realizar o melhor que pode, somando, depois deste empate em Penafiel, cinco pontos, isto é, uma vitória (2-1 com o Vila Real), três empates (1-1 com o Fafe e Lourosa e agora 0-0) e uma derrota (2-1, frente ao Paços de Ferreira).

Nada de brilhante, para quem ambiciona o regresso à I Divisão. Pelo que consta, os «tigres» estão interessados, afim de se reforçarem, no regresso do brasileiro Cila, que jogou cá na época passada. Será uma tentativa de reviravolta, de conseguir aquilo que todos os seus adeptos desejam?

Quanto ao jogo de domingo pouco haverá a dizer. Com o Penafiel mais afoito no ataque, o Espinho optou desde o início uma táctica defensiva, apesar de aos 20 minutos de segunda parte Reis ter perdido uma oportunidade certa de golo. Este «jogar à defesa» ter-lhe-á valido a obtenção de mais um ponto valioso. «Antes um pássaro na mão, que dois a voar».

Esperemos que a equipa faça o seu melhor, para no próximo domingo obter uma preciosa vitória sobre o Famalicão.

Notícias do Hoquei em Patins

Nos próximos dias 3, 4 e 5 de Dezembro, Espinho vai ter hóquei em patins do mais alto nível. A Académica está a organizar um **Torneio Internacional**, que contará em princípio com as equipas do Oviedo, do F. C. do Porto e do Sporting, além da equipa local, naturalmente. A «ementa» é aliciante. Esperemos que tudo corra pelo melhor.

★

Também os hoquistas mais novos vão ter a sua oportunidade. O **Torneio Francisco Caldeira**, para **Infantis**, terá lugar a 23 e 24 do mês corrente. Equipas convidadas: F. C. do Porto, Infante de Sagres e Carvalhos. Mas há mais: no dia 23, a anteceder o torneio, haverá um jogo de **Iniciados** entre a A.A.E. e o Infante de Sagres. E no

dia 24, também «antes da ordem do dia», os Iniciados da A.A.E. jogam com o F. C. do Porto. Força, miúdos! O fim-de-semana é vosso!

★

Está agora a começar uma nova época. Como seria natural, houve algumas alterações nos orientadores técnicos das várias equipas da A.A.E. Assim, temos os seguintes treinadores:

Escola de Patinagem — Vladimiro Brandão e Alfredo Azevedo.

Infantis — Manel Zé Azevedo.

Iniciados — Marçal Duarte.

Seniores — Luís de Sousa (ex-treinador do F. C. do Porto).

Quanto à equipa de Juniores ainda nada está resolvido.

VOLEIBOL

Tem sido intensa a actividade voleibolística das equipas espinhenses neste início de época.

Assim, o S. C. E. organizou um Torneio quadrangular com a participação do Esmoriz, Carvalhos e duas equipas do clube organizador, no qual se disputaram as Taças «Carlos Ferreira» para o 1.º, «António Octávio» (Toninho) para o 2.º, «José Ribeiro» para o 3.º e «Marçal Duarte» para o 4.º. O Torneio disputou-se em duas voltas e pensamos que os resultados obtidos foram promissores, já que o S. C. E. mostrou uma equipa muito homogénea, sem vedetas, e possuindo nove ou dez jogadores de craveira semelhante o que é óptimo para qualquer técnico.

Por sua vez os seniores da A. A. E. participaram num torneio organizado pelo Atlântico da Madalena, tendo vencido um jogo e perdido quatro, o que lhe valeu o 5.º lugar num total de 6 equipas. No entanto os academistas deram mostras de poderem vir a ter um conjunto razoável, capaz de marcar melhor presença do que nos últimos anos.

Finalmente, e ainda a A. A. E., organizou o 1.º Torneio de Outono para juvenis que está a decorrer, com a participação do S. C. E., Esmoriz, C. D. U. P., Madalena (juvenis) e o clube organizador.

Sobre este torneio falaremos mais detalhadamente quando terminar. No entanto deixamos aqui o calendário dos jogos que ainda falta disputar e os resultados dos já disputados.

C. D. U. P., 0 — Esmoriz, 3
A. A. E., 3 — Madalena, 1
S. C. E., 3 — C. D. U. P., 1
Esmoriz, 1 — Madalena, 3

Dia 21, Quinta-feira — A. A. E. — Esmoriz, — 20,30 e S. C. E. — Madalena — 22,00, no Pavilhão da A. A. E.

Dia 23, Sábado — C. D. U. P. — Madalena — 20,30 e A. A. E. — S. C. E. — 22,00, no Ginásio da Escola Industrial.

Dia 24, Domingo — C. D. U. P. — A. A. E. — 10,00 e S. C. E. — Esmoriz — 11,30, no Pavilhão da A. A. E.

BASQUETEBOL

A.A.E., 42 — Coimbrões, 50

A.A.E. — Teixeira, Silva, Tó Mané, Miranda, Castro, Wilson, Alvaro, Ramiro, João e Nelson.

A equipa da A.A.E. no seu jogo de apresentação não conseguiu pela maioria

dos seus elementos, bastante jovens e com falta de rodagem, pelo que a derrota tem que aceitar-se como natural. No entanto, esta jovem equipa poderá num futuro próximo alcançar melhores resultados que poderão servir de incentivo à maior projecção da modalidade em Espinho.

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º — Telef. 921014

Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO
À SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

FOTOGRAFIAS TIPO PASSE EM 10 SEGUNDOS

CENTRO FOTOGRÁFICO

de ÁLVARO NUNES DE PINHO

Tudo para fotografia e Cinema — Retratos — Relojoaria electrónica
Rua 8 n.º 645 ESPINHO

Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE

J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

Maré Viva

Um Jornal
que interessa
a todos

Riomeão

(Conclusão da pág. 3)

focado o papel da Igreja segundo o Bispo do Porto, em comparação com o triste papel do pároco. De qualquer forma, algo se modificou desde então; de facto, nos armazéns da estação da C.P., apodrecem há várias semanas os maços contendo o tal semanário, pois presentemente o pároco já nem se dá ao trabalho de os ir levantar. Isso não invalida a hipótese de, com o aproximar de novas eleições, lhe voltar a tentação de desviar a consciência dos seus fiéis para o serviço dos senhores da terra em detrimento dos autênticos valores cristãos.

A pressão política assume ainda outros aspectos. A título de exemplo é manifesta a falta de pessoal, quando os empresários são abordados com pedidos de emprego, dão invariavelmente, aos pobres desempregados, a resposta:

— Vai conversar com o Mário Soares (noutros tempos, outras modas).

É pois no cenário de que damos alguns apontamentos que as várias listas (provavelmente 4) irão disputar o poder local. Apesar disso, os trabalhadores com quem falámos estão confiantes de que, com as

próximas eleições desaparecerá a longa tradição dos melhoramentos à porta de quem está na Junta. É disso garantia, quanto mais não fosse, o sistema que permite às diversas correntes de opinião ter o seu assento na Assembleia de Freguesia e portanto poderem controlar «desvios». Assim, os problemas irão ser encarados de frente. O caminho que liga a estação à estrada para Lamas; os caminhos dos lugares de Quintão, Pinheiro, Regatos, Gamoal e outros; a distribuição de electricidade em Alpossos e outros lugares onde os aparelhos eléctricos não funcionam devido aos impedimentos que uma só pessoa tem conseguido pôr à construção da necessária cabine de transformação. O infantário para cuja construção já foi reunida uma comissão que desapareceu por mal orientada. Tudo terá de ser visto. A população cabe escolher os seus representantes capazes de tal. Eles naturalmente virão incluídos nas listas propostas por partidos ou frentes, que não incluam os mesmos senhores que, durante tantos anos, se serviram das Juntas sem as porem ao serviço do povo.

(Conclusão da página 3)

acessível; as autarquias locais deverão apoiar, neste sector, os estabelecimentos de ensino, a quem cabem todas as iniciativas; será de toda a conveniência um intercâmbio mais assíduo entre as escolas, estas deverão informar a C. P. e demais empresas dos seus horários e comunicar-lhes eventuais modificações; a C. P. e as empresas deverão, por sua vez, consultar os estabelecimentos de ensino, de modo a que o serviço rodo-ferroviário sirva, de facto, uma das maiores percentagens dos seus utentes — os estudantes.

CINEMA EM OLEIROS — Há muitos anos que não se via cinema em Oleiros, como já há alguns anos se não vê teatro. Quanto ao primeiro, cremos que desde que deixou de funcionar o Ateneu, no lugar da Estação, não contando com uma ou duas más sessões há algum tempo no Pavilhão Gimnodesportivo. Quanto ao segundo, desde que um incêndio devorou, no lugar do Pego, um armazém que o proprietário cedia gratuitamente aos agrupamentos teatrais de ocasião.

No entanto, o teatro não morreu e só a falta de instalações condignas tem impedido o recém-constituído Grupo de Teatro Eureka de o trazer junto do público.

Pretende, porém, esse grupo não se limitar ao teatro apenas, mas incluir no seu campo de acção toda a espécie possível de actividades culturais. Iniciou com cinema. E desta

trão pagava-as. No ano passado, tinha pouco que fazer e o pessoal, depois do mês de férias, ficou outro mês em casa a «gozar» o 13.º mês. Enfim, o sr. Orlando punha e dispunha das vidas dos trabalhadores.

De mim próprio, ele fez o que quiz, que sempre trabalhei ali doze horas por dia e ainda me pôs um telefone em casa para me chamar à hora a que fosse preciso. Mas, depois que entrei para o Sindicato e me recusei a alinhar com o que ele queria... foi isto.

NOTA FINAL — O texto que acabam de ler baseia-se em notas manuscritas sob relato de Joaquim Martins e foi posteriormente ajustado quer em novo diálogo com o mesmo, quer com documentos ligados ao processo.

TRABALHO

História de um despedimento

(Conclusão da pág. 4)

que ele dizia que me pusera em tribunal: — Eu só não lhe perdoo o processo que você me pôs em tribunal, a dizer que eu lhe tinha dito que o matava.

Ele respondeu-me que isso já não era nada, que eram génios, eu tinha o meu, ele tinha o dele, enfim...

Lá fomos continuando. Ele afinal andou com o tal processo para a frente, o julgamento foi em fins de Maio. O caso, como é claro, caiu no ridículo. Ele teve de pagar as custas do processo.

Também por essa altura, ele me suspendeu-me e entregou ao Delegado Sindical o novo processo que é o primeiro acrescentado com três folhas onde as tais três testemunhas, uma operária, um encarregado e a criada do patrão, depõem sobre o tal «convite». Quer dizer ele não conseguiu a assinatura da outra, mas mesmo assim...

Durante muito tempo, depois disso, ele não tomou uma decisão, talvez desanimado com o fracasso do processo civil. Há pouco tempo, recebi uma carta do

advogado da firma dizendo que, tendo sido dadas como provadas as acusações que me faziam, a administração aguardava que eu comparecesse perante ela, para a audiência que eu tinha pedido. Ora eu, como não tinha pedido audiência nenhuma, não fui lá. Agora, talvez encorajado pelo tempo que corre, enviou-me outra carta, dizendo a mesma coisa, mas acrescentando que eu estava despedido. Está em preparação o meu recurso para o Tribunal do Trabalho e é natural que a coisa vá para a frente porque, nas reuniões conciliatórias que tem havido, não se chega a um acordo. É quase impossível.

É pronto, é esta a história. Talvez houvesse outras coisas, por exemplo, a calma que eu sempre tive perante as provocações de toda a espécie que me fizeram. Os filhos do patrão, um após outro, faziam gestos de me socar e diziam:

— Seu otário, seu otário. Eu fui um «bom trabalhador» durante dezoito anos. O ambiente lá na fábrica sempre foi de medo.

Nunca ninguém gozou férias, o pa-

freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a António de Sousa Couto, omisso na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.915 e confrontante do norte com a estrada de divisão de concelhos, do sul com Joaquim Dias Patacho e ribeiro do Mocho, do nascente com José de Almeida Júnior e filhos e do poente com Manuel António Soares.

3.º — Um prédio rústico, com a área de 8.140 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a Manuel António Soares, omisso na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.916 e confrontante do norte com a estrada de divisão de concelhos, do sul com o ribeiro do Mocho, do nascente com António de Sousa Couto e do poente com caminho.

4.º — Um prédio rústico, com a área de 40 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a António de Sousa Couto, omisso na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.917 e confrontante do norte e sul com José Ribeiro e filhos, do nascente com caminho e do poente com a C. P.

5.º — Um prédio rústico com a área de 1.184 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho,

pertencente a José Ribeiro e filhos, descrito na Conservatória do Registo Predial de Espinho sob o n.º 626, a fls. 174 do livro B-2, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.918 e confrontante do norte com António Alves Rocha, do sul com António Sousa Couto, do nascente e do poente com a C. P.

6.º — Um prédio rústico com a área de 9.950 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a Manuel António Soares, omisso na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.919 e confrontante do norte com terreno da Junta de São Félix da Marinha, do sul com António de Sousa Couto, do nascente com a C. P. e do poente com ribeiro do Mocho.

7.º — Um prédio rústico com a área de 9.950 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a António de Sousa Couto, omisso na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.920, e confrontante do norte com Manuel António Soares, do sul e poente com o ribeiro do Mocho e do nascente com a C. P.

8.º — Um prédio rústico, com a área de 510 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a José Ribeiro e filho, omisso na Conservatória do Registo Predial de

S. Paio de Oleiros

vez teve apoios. Já os vinha tendo da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia que, de boa vontade, lhe cede a sala das sessões para as suas actividades, pelo que é para ela o primeiro grande obrigado do Grupo.

O segundo é para a Cooperativa Nascente e para o seu Cineclube, que pôs à disposição o filme «O Garoto de Charlot» de Charlie Chaplin. Uma primeira sessão para a pequena fez rebentar a sala pelas costuras, que voltaria a ficar repleta numa segunda sessão para todos. E os adultos não ficaram atrás no delírio, nas palmas, na gargalhada com que acolheram a genial figura chaplinesca.

O Grupo de Teatro parece reservar para breve novas surpresas, mas espera de todos a necessária compreensão, o indispensável apoio, para que tudo se concretize. Principalmente a geral convicção dos oleirenses de que é preciso um esforço de todos para que se consiga uma sala maior, uma sala a sério para um verdadeiro cinema, um verdadeiro teatro, uma verdadeira cultura...

TRABALHO

Padeiros em greve!

(Continuação da pág. 4)

sado sábado um grupo de indivíduos tentou ocupar as instalações da fábrica, violando o disposto na Lei da Greve, querendo por meio da violência fabricarem pão, ou obrigarem os trabalhadores a fazê-lo. Esta tentativa a todos os títulos criticável foi rapidamente sanada e, se alguns trabalhadores se prontificaram a fabricar algum pão que servisse o Hospital e outras instituições, não foram de maneira alguma influenciadas por essas pressões.

Espinho tem sido, portanto, palco duma situação em que o oportunismo, a confusão, o boato têm reinado. Esperemos que o problema se resolva o mais rápido possível, tendo o Governo uma última e urgente palavra a dizer.

MARÉ VIVA

O JORNAL DA REGIÃO

Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.921 e confrontante do norte com António de Sousa Couto, do sul com Maria Resende e filhos, do nascente e do poente com a C. P.

9.º — Um prédio rústico, com a área de 4.690 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a Joaquim Francisco Dias Patacho, descrito na Conservatória do Registo Predial de Espinho sob o n.º 627, a fls. 174 v.º do Livro B-2, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.924 e confrontante do norte com António de Sousa Couto e outro, do sul e do poente com ribeiro do Mocho e do nascente com a Rua 20.

10.º — Um prédio rústico, com a área de 828 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a Maria de Resende e filhos, omisso na Conservatória do Registo Predial de Espinho, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta sob o artigo 1.922 e confrontante do norte com José Ribeiro e filhos, do sul com Joaquim dos Santos Marques, do nascente com caminho e do poente com a C. P.

Espinho, 7 de Outubro de 1976.

O Juiz de Direito,
(a) Francisco Diogo Fernandes

O Escrivão,
(a) José Pinto de Magalhães Júnior

Tribunal Judicial da Comarca de Espinho

ANÚNCIO

Nos autos de expropriação urgente n.º 104/76, pendentes na 1.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca, em que são expropriante a Câmara Municipal de Espinho e expropriados José de Almeida Júnior e filhos, residentes na Rua 16, n.º 177, desta cidade de Espinho, e outros, correm éditos de OITO DIAS a contar da segunda e última publicação deste anúncio notificando todos os interessados incertos com direitos às parcelas de terreno abaixo indicadas, de que as mesmas foram adjudicadas por despacho de 4 do corrente mês de Outubro à expropriante — Câmara Municipal de Espinho — a saber:

1.º — Um prédio rústico, com a área de 4.370 m², situado no lugar do Mocho, freguesia de Anta, concelho de Espinho, pertencente a José de Almeida Júnior e filhos, descrito na Conservatória do Registo Predial de Espinho sob o n.º 625, a fls. 173, do livro B-2, inscrito na matriz predial rústica da freguesia de Anta, sob o artigo 1914 e confrontante do norte com a estrada de divisão de concelhos, do sul com Joaquim Ferreira Dias Patacho, do nascente com a Rua 20 e do poente com António de Sousa Couto.

2.º — Um prédio rústico, com a área de 8.140 m², situado no lugar do Mocho,

TEATRO

— TEMPO — PÚBLICO — PEÇA — BERTOLT BRECHT — GRUPO —

Num tempo em que reina a confusão e corre o sangue, em que se organiza a desordem, o arbítrio tem força de lei, e a humanidade se desumaniza...

— TEMPO — PÚBLICO — PEÇA — BERTOLT BRECHT — GRUPO —

...Por toda a parte, das cidades de cem andares, por sobre os mares sulcados de barcos cheios de homens, até às aldeias mais distantes, a todos foi dito já que o destino do homem é o homem! É por isso que exigimos de todos vós, actores da nossa época, época da revolução e da grande vitória sobre toda a natureza, incluindo a humana, que vos adapteis às circunstâncias e nos mostreis o mundo dos homens tal como ele é; feito pelo homem e susceptível de ser modificado. É isto, mais ou menos, o que se diz pelas bancadas. Mas, evidentemente, nem todos pensam de maneira idêntica. A maior parte está sentada de ombros descaídos e tem a testa sulcada como um campo de pedras continuamente lavrado em vão. Exaustos pela luta constante do dia-a-dia, desejam com avidez, precisamente, tudo o que os outros abominam: como que uma massagem aplicada à sua mente adormecida, como que um tónico para os nervos esgotados. Uma aventura barata, as garras de umas mãos mágicas que os arrebatam para fora do mundo indomável a que renunciaram. Quem haveis, pois, de seguir, de entre os vossos espectadores? Os descontentes, digo-vos eu. Mas como fazê-lo?

— TEMPO — PÚBLICO — PEÇA — BERTOLT BRECHT — GRUPO —

Vamos contar a história de uma viagem. A expedição compõe-se de um comerciante e dois subalternos. Reparem bem no modo como se comportam:

Olhai essas águias esfomeadas. Para onde vão elas?

— TEMPO — PÚBLICO — PEÇA — BERTOLT BRECHT — GRUPO —



Eu cresci como filho De gente abastada. Os meus pais puse-ram-me Um colarinho ao pescoço e criaram-me Nos costumes de ser servido E ensinaram-me a arte de mandar. Mas Quando era já crescido e olhei à minha Não me agradou a gente da minha classe. Nem o mandar nem o ser servido. E eu abandonei a minha classe e juntei-me A gente pequena.

Sou um autor de peças. Mostro Aquilo que vi. Nos mercados dos homens Vi como o homem era negociado. Isso É o que eu mostro, eu, o autor de peças.

— TEMPO — PÚBLICO — PEÇA — BERTOLT BRECHT — GRUPO —

Teatro Popular de Espinho

(SECÇÃO CULTURAL DA A. A. E.)

A Excepção e a Regra

(de B. BRECHT)

ESTREIA: Sábado - 23 - 21,30 LOCAL: ESCOLA IND. E COM. DE ESPINHO
Domingo - 24 - »

A 1.ª PARTE DO ESPECTÁCULO SERÁ PREENCHIDA PELO CORO DA SECÇÃO CULTURAL DA A. A. E.

OS SÓCIOS DA A. ACADÉMICA DE ESPINHO E DA «COOPERATIVA NASCENTE» BENEFICIAM DO DESCONTO SOBRE O PREÇO DE ENTRADA

NASCENTE cineclube

SALÃO DA PISCINA

Dia 22 de Outubro de 1976
Às 21,30 horas

«O sal da terra»

«...a revelação dum nome lendário do cinema norte-americano. O primeiro filme de Herbert Biberman, um dos dez de Hollywood, o admirável SAL DA TERRA, história duma greve de mineiros que coloca os problemas daí decorrentes com uma lucidez transparente e um vigor insuspeito para 1953. Um clássico a ver e rever, e amar sempre».

Lauro António, in «Diário de Lisboa», de 18 de Dezembro de 1975.

Isto por cá vai assim...

Dentro de um prego vendido por uma casa de ferragens da cidade, foi encontrada uma cavaca (doce regional da terra).

Mais higiene, senhores ferrageiros!

Segundo fontes dignas de crédito, foi governamentalmente «afastado» por conveniência de serviço, dos serviços de limpeza camarária, um varredor desta cidade.

Motivo: varria com a mão esquerda.

Um semanário espinhense tem publicado, em fascículos, a obra: «O ataque à Câmara». A conclu-

são da publicação está prevista para o próximo dia 12 de Dezembro.

Apanhada na baixa espinhense:

— Sabes, disse-me um amigo que tinha lido num jornal cá da terra que eu era assinante desse periódico. Fiquei muito surpreendido...

Moral do monólogo: o «assinante» é o último a saber...

Com vista ao próximo «encontro» de 12 de Dezembro, as equipas conservadoras cá do burgo escolheram uma tática eficiente: jogar à... defesa!

O Senhor Regedor

Ser-se regedor daquela freguesia distante, esquecida pelas promessas de progresso, de melhores dias, era ser-se a pessoa mais importante do povoado, a lei corporizada no robusto camponês, dono de várias terras, da tasca, dos sermões do abade, da própria população. Ser regedor era ter os trabalhadores do campo curvados perante a sua presença, a sua vontade, ter as mulheres que gastavam da sua mercearia sujeitas às arbitrarias alterações no preço das batatas ou do azeite, à ausência do bacalhau, à fome abafada, ao salário que não chega a aquecer nas algibeiras.

Esta foi durante anos consecutivos a situação naquela aldeia, com o proprietário de tudo e todos, a exercer a sua influência. E mesmo com as modificações havidas noutras paragens, ali a mudança não se sentiu, esbarrando contra a onnipotente vontade do Regedor e dos seus poderosos protectores. Sim, poderosos, porque o sr. doutor, homem de grande veia oratória e haveres consideráveis e o sr. industrial, com grande conta no Banco contra a qual não há argumentos, são sem dúvida suportes de grande peso.

Mas agora, com a aproximação de eleições, o Regedor tremeu um pouco de cima do seu pedestal. E apressou-se a desabafar com os seus protectores! É que, certos indivíduos de índole sub-

versiva, começaram a convencer largas camadas da população, que ele o Regedor, já tinha abusado tempo demais da sua paciência, da sua resignação, e o cargo parecia estar ameaçado, o que seria uma catástrofe, não só para ele, mas também para quem sempre o tinha ajudado.

Da sua opinião partilhavam o Doutor e o Industrial. E enquanto o Regedor coçava freneticamente a cabeça, amolgando entre os joelhos o seu chapéu, e o Doutor rebuscava na memória ou nos calhamaços da sua biblioteca uma saída para tal problema, o Industrial, engolindo tranquilamente o seu «brandy», despejou a almejada chave para o enigma.

A hipótese era concorrer e à custa de sorrisos fotogénicos e de pressões bem camufladas o lugar continuaria a pertencer-lhes. Não existiam motivos para preocupações.

Assim, com este revigorante tónico, o Regedor pode ir dormir descansado, ainda que continue a ter medo de perder aquele lugar na escala da hierarquia. A sua razão de existir, o motivo que impeliu o Industrial e o Doutor a protegê-lo, era esse, o de manter as situações e não de as modificar.

M. G.



PORTE PAGO

SEMANÁRIO AVENÇADO